

AS CONJUNÇÕES LATINAS EM DONATO E PRISCIANO: SEU ESTATUTO GRAMATICAL E DISCURSIVO

Fábio da Silva Fortes¹

(Universidade Federal de Juiz de Fora)

ABSTRACT

This article aims at presenting some remarks on the ancient description of Latin conjunctions (*coniunctiones*), carried out by Donatus (*Ars maior*, II) and Priscian (*Institutiones grammaticae*, XVI). We claim that these texts, produced in Late Antiquity, already recognised for such word category both a grammatical function (as they worked in clause connections) and textual and discourse functions (helping the sequence of sentences and enabling discursive effects such as emphasis).

Key-words: Latin conjunction, ancient grammar, discourse

RESUMO

Este artigo pretende apresentar algumas considerações sobre a descrição antiga das conjunções latinas (*coniunctiones*), desenvolvida por Donato (*Ars maior*, II) e Prisciano (*Institutiones grammaticae*, XVI). Defendemos que tais textos, produzidos na Antiguidade Tardia, já reconheciam para essa categoria de palavras tanto uma função propriamente gramatical (uma vez que atua na conexão clausal), quanto funções de caráter textual e discursivo (auxiliando na sequência de sentenças e propiciando efeitos discursivos tal como a ênfase).

Palavras-chave: Conjunções latinas, gramática antiga, discurso

1. INTRODUÇÃO

Apesar de os textos da Antiguidade greco-latina, em geral, terem despertado, ao longo dos séculos, grande interesse em estudiosos de diferentes

¹ Professor Assistente de Latim e Literatura Latina da Universidade Federal de Juiz de Fora. Doutorando em Linguística (Estudos Clássicos), pelo IEL/UNICAMP. Agradeço aos pareceristas pelos comentários e correções oferecidas; ressalto, contudo, que as falhas que permanecem são de minha inteira responsabilidade.

áreas do conhecimento – classicistas, historiadores da educação, paleógrafos, filólogos, entre outros – é relativamente recente a sua inclusão na pauta de interesse dos teóricos da linguagem. Por outro lado, até mesmo entre estudiosos da Antiguidade, os tratados gramaticais, durante algum tempo, também pareciam carecer de um “valor intrínseco” que poderia ser encontrado, por outro lado, nos textos poéticos, retóricos e filosóficos, em virtude de seus méritos estéticos ou de sua importância para a constituição do pensamento moderno².

No entanto, nas últimas décadas, pesquisas em centros de excelência internacionais e também no Brasil têm voltado sua atenção para os textos da tradição gramatical greco-romana³. É nessa perspectiva que se inscreve este artigo, que é parte da pesquisa que realizamos durante o curso de Mestrado no Instituto de Estudos da Linguagem, da UNICAMP⁴.

Partindo do conceito de “conjunções” (*coniunctiones*) que dois gramáticos romanos – Donato e Prisciano – ofereciam em suas obras, *Ars maior*, II, e *Institutiones grammaticae*, XVI, respectivamente, pretendemos mostrar que essa “parte da oração” reunia, na formulação desses gramáticos, propriedades que – diríamos hoje – de caráter “gramatical” (que, desse modo, as identificam com as funções que se tornaram típicas dessa classe de palavras na descrição da gramática tradicional das línguas neolatinas), mas também evidenciava algumas propriedades que hoje reconhecemos ser do âmbito do texto e do discurso, entendendo-se “texto” e “discurso” a partir da perspectiva teórica do *Funcionalismo Linguístico* (Neves, 2001, 2002)⁵. A escolha dos textos de Donato e Prisciano acima citados responde à importância que tais tratados tiveram para a veiculação de ideias gramaticais na Antiguidade Tardia e Idade

² Como afirma Law (1993, p. 2): “Unlike literary historians, those scholars who choose to study early medieval grammars have almost invariably felt obliged to justify or even to apologise for their choice”.

³ Sendo otimistas, podemos afirmar que os temas da Antiguidade e da Idade Média, ainda que nunca tenham deixados de ser estudados, têm, particularmente, despertado a atenção dos estudiosos da linguagem nas últimas duas décadas, daí a profusão de textos – ainda que a maioria produzidos fora do Brasil – que se debruçam sobre as formulações metalinguísticas antigas e medievais: Law, 1986, 1993; Robins, 1993; Baratin, 1989, 1994; Cantó, 1997; Guerreira, 1997; Reynolds, 2000; Weedwood, 2002; Desbordes, 2007; Pereira, 2001, 2003, 2004, 2006; Neves, 2005, entre outros.

⁴ Este artigo é parte do capítulo 4 de nossa Dissertação de Mestrado, defendida em 2008 no IEL/UNICAMP, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Aurelio Pereira.

⁵ Ao elegermos uma perspectiva teórica contemporânea para qualificarmos categorias de linguagem desenvolvidas no âmbito de textos antigos, não acreditamos, evidentemente, que os antigos gramáticos tivessem preocupações que são, de fato, próprias do nosso tempo, produzindo, portanto, uma leitura que revela uma aplicação anacrônica de categorias modernas aos textos antigos. O uso da teoria somente nos auxilia a precisar os termos com que lidamos, demonstrando o ponto a partir do qual lemos tais tratados. De resto, concordamos com Harrison (2007, p. 15) no que diz respeito a isso: “it is impossible to claim that any

Média⁶. Em nosso estudo, seguimos a edição de Heinrich Keil, presente nos *Grammatici Latini*, da qual também preservamos a ortografia das palavras latinas.

Donato (*Aelius Donatus*) teria vivido em Roma entre 310 e 363. A despeito da grande repercussão de sua obra, poucos são os dados biográficos realmente confiáveis de que se dispõe hoje na literatura sobre o assunto. Através de São Jerônimo, de quem Donato foi mestre, costuma-se situar os anos de sua atividade como *grammaticus* entre 354 e 363⁷. Ainda que não haja dados mais precisos, também é mais ou menos consensual acreditar-se ter sido de origem africana. Seu renome ainda em vida é atestado pelos títulos que São Jerônimo lhe dá de “*clarissimus*” e também pelo fato de ter-se promovido ao cargo de mestre de Retórica. Sua *Ars grammatica* se desdobrava em dois volumes, a *Ars minor* – composição brevíssima, organizada em forma de perguntas e respostas – e a *Ars maior*. Essas obras foram seguidas de dois comentários: a Virgílio (do qual se dispõe, atualmente, apenas de fragmentos) e a Terêncio. Em geral, são bem abundantes os manuscritos da *Ars*, que estão presentes em cinco famílias de manuscritos, agrupados em dois ramos. Antes de 1500, são conhecidas pelo menos onze edições completas ou parciais das obras de Donato (cf. Baratin, 1998, p. 41). As edições mais conhecidas e utilizadas ainda nos dias de hoje são as de Van Putschén (1605), Heinrich Keil (GLK, IV, 1855) e Louis Holtz (1981).

Prisciano de Cesareia, embora autor de uma obra monumental, de larga repercussão na chamada “parte oriental” do Império Romano, onde foi produzida no século VI, e de não menos vigorosa recepção no Ocidente, a partir de sua descoberta na Renascença Carolíngia (Ballaira, 1989), tem, de fato, poucos testemunhos documentais antigos sobre sua vida. Acredita-se ter vivido em Constantinopla no final do século V e início do século VI, por ter escrito um panegírico destinado ao imperador Anastácio I (491-518): *De laude Anastasii imperatoris*. Um relato anônimo de sua vida, a *Vita Bernensis*, presente no comentário ao livro XVIII de suas *Institutiones grammaticae*, em um códice fragmentário do século XI⁸, oferece alguns indícios biográficos:

reconstruction of the cultural horizons of an original, implied readership of an ancient text is a purely historical or scientific enquiry independent of our contemporary concerns, or indeed that is the only route to seeking its interpretation (...).⁶

⁶. Conforme Guerreira (1997, p. 785): “La obra de Donato es el ideal de la gramática romana y debido a su carácter ejemplar merece una mayor atención”. Com Robins (1994, p. 156): “The *Institutiones* are the first grammar really comprehensive of a European classical language”.

⁷. Referências de S. Jerônimo a Donato podem ser encontradas nas obras *Chronicon* (358), *Apologia aduersus libros Rufini* (1, 16) e *Commentarius in Ecclesiasten* (I, 9-10) (Cf. Law, 1993: 14).

⁸. Códice AA 90, 29, frag. 4v-6r. Berna. Burgerbibliothek. In: KEIL, H. *Grammatici Latini* VIII, pp. 167-169: “Prisciano era, porém, cidadão cesarense, de origem romana,

nascido na Cesareia Mauritània, no norte da África, de origem romana. A favor da “hipótese africana” acerca do nascimento e formação de Prisciano, há sem dúvida, além do peso da tradição, o fato de que as colônias africanas sofreram profundo processo de romanização, advindo dessa região importantes gramáticos latinos, tais como Donato, Carísio, Mário Vitorino, autores do século IV. Também no prefácio à edição de Keil (GL II), Martin Hertz destaca que o gramático é citado por apenas um de seus coetâneos conhecidos, Cassiodoro, na introdução de sua obra *De orthographia*: “do Prisciano gramático, que em nossa época foi mestre romano em Constantinopla”⁹. Também é o editor quem afirma ser seu nome completo *Priscianus Caesarensis Mauri*, o terceiro nome indicando a localização de seu nascimento, na Mauritània, norte da África.

As principais obras de Prisciano são, segundo uma cronologia mais aceita pelos filólogos (Passalacqua, 2006, p. 107): *De figuris numerorum* (Sobre a representação figurada dos números), *De metris fabularum Terentii* (Sobre a métrica das peças de Terêncio), *Praeexercitamina* (Exercícios preliminares), as *Institutiones grammaticae* (em dezoito livros) e dois pequenos tratados pedagógicos: *Institutio de nomine et pronomine et uerbo* (Princípios sobre o nome, o pronome e o verbo) e as *Partitiones duodecim uersuum Aeneidos principalium* (Análise métrica dos primeiros versos de cada canto da *Eneida*).

As *Institutiones* são a grande obra sobre a qual repousa a reputação de Prisciano, em que, conforme atestam estudiosos como Baratin (1998, p. 51) e Weedwood (2002, p. 41), o gramático combinou informações do tipo *Schulgrammatik* e do tipo *regulae*¹⁰: “construindo, desse modo, uma descrição praticamente completa (e ainda útil), reforçada com um amplo número de citações de autores literários”. A obra compreende 18 livros e trata das seguintes questões: a *littera* e suas propriedades no livro I; os nomes, nos

conforme na própria epístola revela. Todavia, como podemos falar de várias Cesareias, de qual delas teria sido oriundo é por muitos questionado. De fato, há a Cesareia Palestina, a Cesareia Augusta, a Cesareia Capadócia. Mas alguns afirmam que Prisciano é oriundo daquela Cesareia, que era colônia na África, também súdita ao Império Romano, conforme naquele tempo toda a África”. (*Fuit autem [Priscianus] cuius Caesarensis, Romanus genere, sicut ipse in epistula manifestat. Sed cum plures Caesareae legamus, de qua harum fuerit, a plerisque dubitatur. Nam Caesarea est Palaestina, Caesarea Augusta, Caesarea Cappadocia. Sed quidam adfirmant, Caesaream istam, de qua Priscianus oriundus fuit, coloniam Africam esse, subditam tamen Romano Imperio iam tunc temporis sicut et totam Africam.*)

⁹ Cf. ex *Prisciano grammatico, qui nostro tempore Constantinopoli Romae doctor fuit.*

¹⁰ De acordo com Law (1986, p. 365): “Works of the Schulgrammatik type are characterised by their systematic structure: progressing through the parts of speech one by one, they define each part of speech and its properties (accidentia). In length they vary greatly. (...) In contrast, grammars of the regulae type, because they were originally designed to demonstrate the workings of analogy, contain numerous paradigms (regulae or kanónes), and their coverage of the parts of speech is less systematic (...)”.

livros II e III, neles incluindo os próprios, comuns, patronímicos e adjetivos; os verbos, incluindo formas finitas e infinitas, no livro VIII; os participípios, nos livros III e XI; os advérbios, nos livros III e XV; os pronomes, nos livros XII e XIII; as preposições, no livro XIV; as conjunções, no livro XVI; as interjeições no livro XV. Os dois últimos livros, XVII e XVIII, que a tradição trata em separado, como *Priscianus minor*, corresponde ao exame da sintaxe ou construção, e recebem o título de *De constructione*.

2. AS CONIUNCTIONES LATINAS

2.1 INSERÇÃO NO CONJUNTO DAS PALAVRAS INDECLINÁVEIS

No âmbito das partes da oração (*partes orationis*), o traço distintivo das *praepositiones*, *interiectiones* e *coniunctiones* era o fato de constituírem categorias indeclináveis (*indeclinabilia*). Na *Ars maior*, correspondem às seções finais do Livro II (Donato II, 14-17), e, em Prisciano, são examinadas ao longo do Livro XIV (*De praepositione*), parte do Livro XV (*De interiectione*) e no livro XVI (*De coniunctione*).

Prisciano (XIV, 1) justifica o fato de serem apresentadas somente nos livros finais:

(...) ea enim sine illis sententiam complere non possunt, illa vero sine istis saepissime complent.

(...) elas, de fato, sem as outras [nomes, verbos, participípios e pronomes] não podem completar o sentido da oração; ao passo que aquelas, sem essas [preposições, interjeições e conjunções], muito frequentemente o completam.

(Prisciano, XIV, 1)

O gramático parece deixar claro, logo no início de sua exposição, o fato de que os termos indeclináveis de que tratará constituem uma classe não-essencial ao sentido da oração. Além disso, como afirma com outras palavras logo adiante, as palavras pertencentes a tais categorias não mantêm estáveis as suas propriedades¹¹ quando apostas a outras, podendo variá-las de acordo com as características do contexto oracional em que estão inseridas, isto é, de acordo com as palavras às quais elas estariam ligadas:

¹¹ A palavra latina *vis*, cujo significado básico, conforme nos informa o dicionário, é o de “força física”, “vigor”, “robustez”, pode assumir, metaforicamente, no âmbito da gramática, o significado de valor (semântico) ou propriedade/efeito. Optamos por não restringir a interpretação desse termo a “valor semântico”, *i.e.* “significação”, pois, como ficará claro na discussão posterior acerca dessas palavras, elas não somente parecem definir a sua *significação*, mas também outras propriedades linguísticas (como seu acento e funcionalidade gramatical) de

Nomini enim, quae principalis est omnium orationis partium, et ceteris, quae casus ad nominis similitudinem sumunt, praeposita vim potest sibi dictionis defendere, aliis vero, id est carentibus casu, adiuncta unitur cum eis iusque dictionis proprium perdit.

Com efeito, para o nome, que é a principal de todas as partes da oração, e para as outras classes, que tomam o caso à semelhança dos nomes, é possível sustentar o seu valor quando prepostas às palavras, ao passo que para as restantes, isto é, para as que carecem de caso, quando adjuntas, o seu estatuto se liga àquelas e perde o que é próprio da palavra.

(Prisciano, XIV, 1)

A citação acima revela, a nosso ver, um interessante aspecto das partículas indeclináveis latinas: o fato de, mais que os termos declináveis, não terem um “valor” (*vis*) ou “estatuto” (*ius*) (seja semântico ou gramatical) absoluto e definido *a priori*, mas serem modificadas de acordo com as palavras a que estejam adjuntas na oração. Como tentaremos esclarecer melhor nos próximos itens, essa particularidade dos termos indeclináveis latinos aponta para as funções que as conjunções latinas desempenham no âmbito do texto e do discurso, possibilitadas exatamente pelo seu uso não-referencial nas proposições em que ocorrem, *i.e.* o fato de não possuírem em si mesmas valores gramaticais e semânticos especificados *a priori*.

2.2 DEFINIÇÕES

Consideremos as definições que Donato (II, 14) e Prisciano (XVI, 1) fornecem sobre as “conjunções” (*coniunctiones*):

Coniunctio est pars orationis adnectens ordinansque sententiam.

Conjunção é a parte da oração que conecta e ordena a sentença.

(Donato II, 14)

Coniunctio est pars orationis indeclinabilis, coniunctiva aliarum partium orationis, quibus consignificat, vim vel ordinem demonstrans: vim, quando simul esse res aliquas significat, ut ‘et pius et fortis fuit Aeneas’; ordinem quando consequentiam aliquarum demonstrat rerum, ut ‘si ambulat, movetur’.

Conjunção é a parte indeclinável da oração que serve para ligar as outras partes da oração, com as quais cossignifica, indicando intensidade ou ordem: força, quando indica a existência de quaisquer coisas ao mesmo tempo, como *‘et pius et fortis fuit*

acordo com as circunstâncias descritas na oração em que são empregadas. Traduzimos, assim, pelas expressões menos específicas de “valor” ou “propriedade”. Relembramos que o texto de Prisciano não possui, ao que sabemos, nenhuma tradução vernacular moderna, o que dificulta o nosso trabalho, já que não tivemos outro texto em que balizar as nossas escolhas interpretativas da tradução.

*Aeneas*¹²; ordem, quando demonstra a consequência de quaisquer coisas, como *‘si ambulat, movetur*¹³.

(Prisciano XVI, 1)

Das definições acima apresentadas, destacam-se, em Donato, duas funções específicas atribuídas às conjunções: a de participar da conexão de sentenças (*conectans*) e de sua ordenação (*ordinans*).

A primeira função aponta para o uso que, posteriormente, foi considerado prototípico para essa categoria, e que, *mutatis mutandis*, ainda hoje se considera na gramática tradicional como seu traço definidor: o fato de participarem da conexão de cláusulas ou expressões no interior de uma mesma oração¹⁴. A segunda parte da definição donatiana, porém, extrapola essa função meramente conectora: além de atuarem na conexão interclausal, servem como organizadores textuais, ao atuarem na ordenação/arranjo/organização (*ordinatio*) dessas sentenças no texto.

Na definição de Prisciano, também reconhecemos não somente a função estrita que se esperaria de uma definição mais gramatical dada às conjunções (*i.e.* sua função de “ligar as outras partes da oração”), mas também uma ressalva para sua função textual (indicando a “ordem” dos eventos no texto¹⁵) e também discursiva (indicando “intensidade/ênfase”).

Para entendermos melhor, consideremos mais detidamente os exemplos dados por Prisciano:

1. **Ordem** (*ordo*): *Si ambulat, movetur* (“Se caminha, põe-se em movimento”);
2. **Intensidade/ênfase** (*vis*): *et pius et fortis fuit Aeneas* (“Tanto piedoso, quanto forte, era Eneias”).

¹² “Tanto piedoso, como forte, era Eneias”.

¹³ “Se caminha, põe-se em movimento”.

¹⁴ Compare-se, por exemplo, a definição que encontramos em Cunha & Cintra (1985, p. 565): “Conjunções são os vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração”. Em Bechara (2000, p. 319): “a língua possui unidades que têm por missão reunir orações num mesmo enunciado. Estas unidades são tradicionalmente chamadas conjunções”.

¹⁵ O termo empregado por Prisciano, *ordo*, tem como acepções comuns (cf. Saraiva, 2006) as de: “ordem”, “arranjo”, “disposição”, “sucessão”. De fato, o exemplo citado pelo gramático, *si ambulat, movetur* (“se caminha, põe-se em movimento”), se tomado isoladamente, parece exemplificar a ocorrência de uma ordem lógica, não propriamente textual. No entanto, levando em consideração que, em outras passagens, ao se referir às propriedades lógicas da linguagem, o gramático se utiliza de outro termo (*rationalis*), bem como o fato de que a discussão em Prisciano tem um caráter fortemente empírico (sustentada em ocorrências reais da língua, oriunda de textos), julgamos apropriado pensar também na dimensão discursiva da palavra *ordo* na definição do gramático. A análise caso a caso das conjunções e os exemplos arrolados levam-nos a crer que Prisciano tenha se preocupado efetivamente com o uso da língua, preocupando-se em menor grau com os princípios puramente lógicos e abstratos da construção latina.

Ainda que a conjunção *si* realize uma função também conectiva entre as duas sentenças, entre elas explicitando uma relação de condição, parecemos que o gramático não apenas se referia a essa função mais imediata, mas também chamava a atenção para sua relação com o texto enquanto um todo, pois, de fato, não somente ela conecta – gramaticalmente – as duas sentenças, mas também diz sobre o arranjo delas no texto, sobre a ordem, enfim, que no texto produziria sentido; ordem que, se violada, produziria outro efeito. Trata-se, portanto, de certa organização do fluxo informacional, aqui tomada em um contexto limitado (a sentença), mas que poderia ser ampliado a porções maiores do texto.

No segundo exemplo, verificamos a coocorrência da conjunção *et*. Ainda que exista nas línguas o funcionamento em paralelo de algumas conjunções (em português, por exemplo, a existência de *seja...seja...* ou, então, de *ora... ora...*), na língua latina, a simples conexão entre dois sintagmas, em relação de adição, poderia ser dada com a ocorrência simples de apenas um *et* entre os dois elementos da coordenação. No exemplo fornecido pelo gramático, a sua repetição no início do sintagma não teria, portanto, exclusivamente essa função gramatical, mas representaria um uso motivado por funções discursivas, como, por exemplo, o de ênfase ou intensificação, expresso, a nosso ver, pela palavra latina *vis*, usada por Prisciano para qualificar esse fenômeno.

2.3 CLASSIFICAÇÕES DAS CONJUNÇÕES LATINAS E DESDOBRAMENTOS

Donato apresenta três propriedades, segundo as quais podem-se classificar as conjunções latinas: o seu “valor” (*potestas*), “forma” (*figura*) ou, ainda, “ordem” (*ordo*), conforme descrevemos no quadro abaixo:

1. “Valor” (<i>potestas</i>)	1.1. “Disjuntivas” (<i>disiunctivae</i>), como <i>aut, uel, ne, nec, neque</i> ; 1.2. “Copulativas” (<i>copulativae</i>), como <i>et, que, atque, ac, ast</i> ; 1.3. “Expletivas” (<i>expletivae</i>), como <i>quidem, equidem, saltem, videlicet, quamquam, quamvis, quoque, autem, tamen</i> ; 1.4. “Causais” (<i>causales</i>), como <i>si, etsi, etiamsi, si quidem, quando, quin, nam, enim, praeterea</i> , entre outras; 1.5. “Lógicas ¹⁶ ” (<i>rationales</i>), como <i>ita, itaque, ergo, igitur, scilicet, idcirco</i> , entre outras.
2. “Forma” (<i>figura</i>)	2.1. “Simples” (<i>simplex</i>), como <i>nam</i> ; 2.2. “Composta” (<i>composta</i>), como <i>namque</i> .
3. “Ordem” (<i>ordo</i>)	3.1. “Prepostas ¹⁷ ” (<i>praepositivae</i>), como <i>at e ast</i> ; 3.2. “Subjuntivas” (<i>subiunctivae</i>), como <i>autem e que</i> ; 3.3. “Comuns” (<i>communes</i>), como <i>ut e igitur</i> .

QUADRO 1. Classificação das conjunções segundo Donato (II, 14)

Segundo Donato (II, 14), a classificação das conjunções latinas contempla fatores que hoje considerariamos de ordem “morfológica” (simples e compostas) e “sintática” (prepostas, subjuntivas e comuns, a depender de sua posição na sentença). Além desses dois, outro critério seria de natureza “semântica” e “pragmática”, pois levaria em conta os diferentes valores de significado que tais palavras assumem nos textos, entre os quais destacamos as chamadas “expletivas”, cujo valor teria, a nosso ver, função mais “pragmática” que propriamente “semântica” nas sentenças em que ocorrem. De fato, parece-nos que Donato se refere às suas funções de “arrematar” ou mesmo “tornar plena” a sentença em que elas comparecem, ainda que nelas não tenham funções gramaticais específicas ou não contribuam claramente com um novo matiz de significado.

Prisciano (XVI, 1) também classifica as conjunções latinas, segundo a sua forma (*figura*), em simples e compostas, e segundo a sua “espécie” (*species*), termo utilizado para se referir ao que os gramáticos predecessores – entre eles Donato – chamava de “valor” (*potestas*).

Na análise de Prisciano, existem dezessete “espécies” de conjunções – em contraste com as cinco, apenas, de Donato – que elencamos abaixo:

¹⁶ Embora não existam no tratado de Donato exemplos com o emprego dessas conjunções, parece-nos tratar-se do emprego conclusivo lógico, *i.e.* o primeiro elemento da coordenação (ou parataxe) engendraria um segundo elemento, que veicularia uma conclusão lógica.

¹⁷ As conjunções “prepostas” (*praepositivae*) parecem ser aquelas que iniciam sentenças, ao passo que as “subjuntivas” (*subiunctivae*) parecem referir-se àquelas que iniciam orações subordinadas. Essas são possíveis acepções dos termos latinos encontráveis nos dicionários que tomamos para nortear a nossa compreensão. Nesse caso, como em outros, não existem exemplos que o gramático tenha dado para dirimir possíveis dúvidas interpretativas.

1. “Copulativa” (*copulativa*);
2. “Continuativa” (*continuativa*);
3. “Subcontinuativa” (*subcontinuativa*);
4. “Adjuntiva” (*adiunctiva*);
5. “Causal” (*causalis*);
6. “Efetiva” (*effectiva*);
7. “Aprovativa” (*approbativa*);
8. “Disjuntiva” (*disiunctiva*);
9. “Subdisjuntiva” (*subdisiunctiva*);
10. “Eletiva” (*electiva*);
11. “Ablativa” (*ablativa*);
12. “Pressupositiva” (*praesumptiva*);
13. “Adversativa” (*adversativa*);
14. “Negativa” (*abnegativa*);
15. “Coletiva” (*collectiva*);
16. “Dubitativa” (*dubitativa*);
17. “Completiva” (*completiva*).

Ainda que não entremos em detalhes sobre cada um dos tipos de conjunções citados acima, salta-nos aos olhos o fato de haver uma análise bastante minuciosa no interior da metalinguagem latina, exemplificada aqui por esses dezessete diferentes tipos de conjunções elencadas por Prisciano. É preciso destacar, entretanto, que esse quadro não é uma descrição exaustiva de todas as espécies de conjunções, nem tampouco elas se enquadram em tipos absolutos. Ao contrário, como é reconhecido pelo próprio gramático ao longo de suas explanações, muitas das conjunções latinas são amplamente polissêmicas, assumindo o caráter típico de uma ou outra espécie, de acordo com sua ocorrência no contexto:

Inveniuntur tamen multae tam ex supra dictis quam ex aliis coniunctionibus diversas significationes una eademque voce habentes, sicut usibus ostendemus (...).

Encontram-se, entretanto, muitas conjunções, daquelas citadas acima ou de outras, que possuem significados diversos em uma mesma palavra, assim como mostramos com os seus usos (...).

(Prisciano XVI, 2)

Das espécies acima elencadas, um caso particular que gostaríamos de destacar é o das chamadas conjunções “completivas” (*completivae*). Agora há pouco havíamos mencionado que as chamadas conjunções “expletivas” (*expletivae*) de Donato pareceriam ter, nas sentenças em que ocorrem, valores puramente discursivos, não traduzindo nenhuma função sintática claramente definida, nem mesmo carreando consigo valores semânticos próprios. Afirmamos, ainda, que essas conjunções exemplificam certo uso “pragmático”/“discursivo”. Esse parece ser o caso correspondente das

conjunções “completivas” de Prisciano, cuja argumentação reproduzimos abaixo:

Completivae sunt 'vero, autem, quidem, equidem, quoque, enim, nam, namque' et fere quaecumque coniunctiones ornatus causa vel metri nulla significationis necessitate ponuntur, hoc nomine nuncupantur. Omnes tamen hae inter alias species inveniuntur, ut si dicam 'Aeneas vero et pius et fortis fuit' completiva est, quia et si tollatur 'vero', significatio integra manet; sin autem dicam 'Aeneas quidem pius fuit, Vlixes vero astutus', pro copulativa accipitur, quia utriusque rei simul sententiam significat cum substantia. Potest tamen et distributiva dici, quia distribuit diversas res diversis personis. Completiva esse, etiam Sallustius ostendit in Catilinario: 'verum enim vero is demum mihi vivere et frui anima videtur'; hic enim ornatus causa 'vero' adiuncta est, quamvis possit etiam approbativa esse.

Completivas são ‘vero’, ‘autem’, ‘quidem’, ‘equidem’, ‘quoque’, ‘enim’, ‘nam’, ‘namque’ e quase todas as conjunções que são empregadas por ornato ou métrica, sem necessidade de significação, são assim denominadas. Todas estas, no entanto, se encontram também entre as outras espécies, como se disser ‘*Aeneas vero et pius et fortis fuit*’¹⁸, será completiva, pois, se ‘vero’ for suprimido, a significação permanece íntegra; porém, se disser ‘*Aeneas quidem pius fuit, Vlixes vero astutus*’¹⁹, ela é tomada como copulativa, uma vez que expressa a sentença com a substância de ambas as coisas ao mesmo tempo. Todavia, pode também ser dita distributiva, pois distribui coisas diversas entre pessoas diversas. Salústio demonstrou ser completiva no seu ‘Catilina’: ‘*verum enim vero is demum mihi vivere et frui anima videtur*’²⁰; pois aqui, ‘vero’ está adjunta por uma questão de ornato, ainda que possa também ser aprovativa.

(Prisciano XVI, 13).

Como destacamos no trecho acima citado, Prisciano oferece uma análise cuidadosa dos valores de *vero*, entre os quais estaria contemplado aquele movido por funções não propriamente da ordem da sintaxe ou da semântica da oração, mas produzido por força de fatores extralinguísticos, entre os quais cita Prisciano o cuidado com a métrica e o ornato. É interessante observar que se trata de um uso bastante particular das conjunções, que, na verdade, perpassa os seus variados tipos – ou “espécies” – e que não configura uma condição absoluta para nenhuma das palavras elencadas como pertencentes ao grupo das “completivas”, quais sejam: *vero, autem, quidem, equidem, quoque*, entre outras.

¹⁸. “De fato, Eneias foi tanto piedoso, quanto forte”.

¹⁹. Com efeito, Eneias era piedoso, e Ulisses, de fato, astucioso”.

²⁰. Cf. Salústio, *Catilina*, I, 2: “Na verdade, com efeito, parece-me ele, justamente, viver e fruir com a alma”.

3. CONCLUSÃO

Ao analisarmos o tratamento dado por Donato (*Ars maior*, II) e Prisciano (*Institutiones grammaticae*, XVI) às categorias conhecidas na Antiguidade como *coniunctiones*, pudemos verificar tanto em suas definições, quanto em suas classificações, propriedades que revelam seu papel na conexão de cláusulas e de partes do enunciado, quanto na operação de funções no âmbito do texto (no que se refere à ordenação e sequência das orações) e do discurso (quando produzem efeitos de sentido, como a ênfase).

O primeiro papel das conjunções descreve um uso tipicamente gramatical, tal qual os tratados gramaticais normativos posteriores tomariam como o traço prototípico dessa classe de palavras nas línguas modernas. Por outro lado, suas outras funções, que recobrem propriedades que a Linguística chamaria de “textuais” e “discursivas”, afastam o conceito antigo daquele que se tornou consagrado nas descrições gramaticais tradicionais. Ao contrário, ao observarmos que gramáticos antigos reconheciam outros usos para as conjunções, somos levados a repensar muitas das avaliações apressadas a que se procede acerca da metalinguagem antiga e também sobre a restrição no escopo dessa categoria pela gramática tradicional moderna.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Textos Antigos:

- DONATO. *Ars maior*. In: KEIL, Heinrich [ed.] *Grammatici Latini*. Leipzig: Georg Olms Verlagsbuchhandlung Hildesheim, 1961 [1865].
- PRISCIANO. *Institutionum grammaticarum libri XIV, XV & XVI*. In: KEIL, Heinrich [ed.]. *Grammatici Latini*. Leipzig: Georg Olms Verlagsbuchhandlung Hildesheim, 1961 [1865].

Outros estudos:

- BALLAIRA, Guglielmo. *Prisciano e i suoi amici*. Torino: G. Giappichelli, 1989.
- BARATIN, Marc. “Sur la structure des grammaires antiques” In: DE CLERQ, Jan & DESMET, Piet (edit.) *Florilegium historiographiae linguisticae – Études d’historiographie de la linguistique et de grammaire comparée à la mémoire de Maurice Leroy*. Peeters: Louvain-la-Neuve, 1994.
- _____. “La constitution de la grammaire et de la dialectique”. In: AUROUX, S. (org.) *Histoire des idées linguistiques*. Tomo I. La naissance des métalangages en Orient et en Occident. Liège: Mardaga, 1989, pp. 186-206.
- _____. “La maturation des analyses grammaticales et dialectiques”. In: AUROUX, S. (org.) *Histoire des idées linguistiques*. Tomo I. La naissance des métalangages en Orient et en Occident. Liège: Mardaga, 1989, pp. 207-228.

- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.
- CANTÓ, Josefa. “Los *grammatici*: críticos literarios, eruditos y comentaristas”. In: CODOÑER, Carmen. *Historia de la Literatura Latina*. Cátedra, 1997.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DESBORDES, Françoise. *Idées grecques et romaines sur le langage*. Travaux d'histoire et d'épistémologie. Paris: ENS, 2007.
- GUERREIRA, Agustín Ramos. “Los escritos gramaticales (y la erudición) en el siglo IV”. In: CODOÑER, Carmen. *Historia de la Literatura Latina*. Cátedra, 1997.
- HARRISON, Stephen. *Generic enrichment in Vergil & Horace*. Oxford: OUP, 2007.
- LAW, Vivien. *The Insular Latin Grammarians*. The Boydell Press, 1993.
- _____. “La grammaire latine durant le haut moyen âge”. In: AUROUX, Sylvain (Org.). *Histoire des idées linguistiques*. Mardaga, 1992.
- _____. “Late Latin grammars in the Early Middle Ages: a typological history”. In: *Historiographia linguistica* XIII: 2/3. Amsterdam: John Benjamins, 1986, pp. 365-380.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *A vertente grega da gramática tradicional*. 2ª. ed. São Paulo: UNESP, 2005.
- _____. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: UNESP, 2002.
- _____. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- PASSALACQUA, M. *Priscianus Caesarensis*. In: Brown, Keith (ed.) *Encyclopedia of language & linguistics*. 2ª. ed. Oxford: Elsevier, 2006.
- PEREIRA, Marcos Aurelio. *Quintiliano Gramático: o papel do mestre de gramática na Institutio oratoria*. 2ª. ed. São Paulo: Humanitas, 2006.
- _____. “Natureza e lugar dos discursos gramatical e retórico em Cícero e Quintiliano”. *Phaos – Revista de Estudos Clássicos*, n. 1, 2001, pp. 143-157.
- _____. “O conceito de ‘uso lingüístico’ em Quintiliano”. *Linguas e Instrumentos Lingüísticos*, n. 11, 2003, pp. 31-44.
- _____. “O ‘uso’, o ‘decoro’ e a constituição de uma ‘norma lingüística’ na *Institutio oratoria* de Quintiliano: breve comentário”. *Anais do 6º Encontro Celsul – Centro de Estudos Lingüísticos do Sul*. Versão digital, 2004.
- _____. “Quintiliano e a gramática antiga”. *Classica*, v. 13/14, 2000/2001, pp. 367-373.
- REYNOLDS, Suzanne. *Medieval reading: grammar, rhetoric and the classical text*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- ROBINS, R. H. *Ancient & mediaeval grammatical theory in Europe*. Londres: Bell & Sons, 1951.
- _____. “Les grammairiens byzantins”. In: AUROUX, Sylvain (Org.) *Histoire des idées linguistiques*. Tomo 2. Mardaga, 1992.
- _____. *The Byzantine Grammarians – their place in History*. Nova York: Mouton de Gruyter, 1993.
- SARAIVA, F. dos Santos. *Dicionário Latino-português*. 12. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 2006.
- WEEDWOOD, Bárbara. *História concisa da lingüística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2002.

